

## Contagem decrescente

Carlos Gaspar | *Público* | 3 de agosto de 2022

A visita oficial de Nancy Pelosi, presidente da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, a Taiwan marca, como era previsível, o início da quarta crise do Estreito da Formosa (Estreito de Taiwan).

As duas primeiras crises foram provocadas pela República Popular da China depois da Guerra da Coreia. Mao Tsetung queria pôr à prova a aliança com a União Soviética, empenhada numa política de “coexistência pacífica” com os Estados Unidos, que garantiam a defesa do regime nacionalista chinês em Taiwan.

A terceira crise foi provocada pela visita privada do Presidente Li Teng-hui – o primeiro Presidente taiwanês directamente eleito – aos Estados Unidos, que a China considerou como uma “mudança do *statu quo*”. Nos termos do comunicado de Xangai de 1972, Pequim e Washington reconhecem ambos que só existe “uma China” dos dois lados do Estreito da Formosa, o que significa para os primeiros que Taiwan é uma província da República Popular e, para os segundos, que não aceitam uma mudança pela força do estatuto de Taiwan. Em 1995, o Presidente Jiang Zemin não podia deixar de reagir à visita de Li com uma demonstração de força contra Taiwan – uma barragem de tiros de mísseis ao largo de Taipé que terminou quando os Estados Unidos enviaram dois porta-aviões para o Estreito da Formosa.

A quarta crise é uma resposta à visita da presidente da Câmara dos Representantes, que Pequim considera como uma “mudança do *statu quo*” provocada unilateralmente por Washington, não obstante Pelosi não pertencer ao executivo e, portanto, não ter autoridade para alterar a política externa dos Estados Unidos. O secretário de Estado, Anthony Blinken, bem como Pelosi e a Presidente Tsai Ing-wen sublinharam que não havia nenhuma mudança formal do *statu quo*, embora sem impressionar as autoridades chinesas.

O Presidente chinês, Xi Jinping, nas vésperas do XX Congresso do Partido Comunista da China, não pode deixar de reagir à visita de Pelosi com uma demonstração de força. Desde logo, os dois porta-aviões chineses aparelharam-se e partiram em direcção a Taiwan: o cenário de 1995-1996, quando a China não tinha porta-aviões, não se vai repetir. Por outro lado, as autoridades chinesas avisaram que iam realizar exercícios militares nos próximos dias em seis áreas a Norte, Sul, Leste e Oeste de Taiwan. Esses exercícios, que se realizam dentro das águas territoriais de Taiwan, têm uma escala sem precedentes e configuram um bloqueio informal. Por último, a imprensa chinesa antecipa que esses exercícios militares se vão tornar uma rotina, o que tornaria o bloqueio temporário num bloqueio permanente para isolar Taiwan, uma estratégia de coerção inaceitável.

Os exercícios militares são um ensaio geral do processo de reunificação pela força. Essa estratégia é coerente com as sucessivas tomadas de posição de Xi, que declarou, num primeiro momento, que não era justo deixar a reunificação com Taiwan para a próxima geração e, num segundo momento, que ele próprio não queria deixar a questão de Taiwan em aberto para os seus sucessores: o próximo mandato de Xi como secretário-geral do Partido Comunista da China termina em 2027.

A quarta crise do Estreito da Formosa acelera a contagem decrescente para a invasão. A reunificação pacífica, seguindo o modelo “um país, dois sistemas”, deixou de ter credibilidade, quando três quartos dos habitantes de Taiwan, um regime constitucional de democracia pluralista, rejeitam a integração na República Popular. Paralelamente, as capacidades militares do Exército Popular de Libertação garantem uma credibilidade crescente ao cenário de uma vitória sobre Taiwan em que conseguem evitar, ou neutralizar, uma intervenção dos Estados Unidos. Mais importante, a invasão russa da Ucrânia torna cada vez mais difícil adiar uma estratégia ofensiva contra Taiwan.

A China recusa qualquer comparação entre a Ucrânia e Taiwan: Pequim tem relações diplomáticas com Kiev e recusa que qualquer Estado possa reconhecer a sua “província” de Taiwan como um Estado soberano. Mas os responsáveis chineses dizem sobre Taiwan o mesmo que os responsáveis russos dizem sobre a Ucrânia: nem uma, nem a outra jamais existiram como Estados independentes. Nesse sentido, a comparação é inevitável e domina o debate interno no Partido Comunista chinês.

A Guerra da Ucrânia e a questão de Taiwan são inseparáveis. A Presidente Tsai Ing-wen, ao lado de Pelosi, quis sublinhar a ligação entre a determinação da Ucrânia e a determinação de Taiwan em defender a sua soberania nacional.

A contagem decrescente no Estreito de Taiwan sublinha a ligação entre a escalada na frente europeia e a escalada na frente asiática. Há dois dias, o *Wall Street Journal* citou entidades norte-americanas que dizem que Xi Jinping antecipou o calendário da reunificação do fim da década para daqui a 18 meses. É a primeira vez que uma fonte relevante se refere a Janeiro de 2024, a data da próxima eleição presidencial em Taiwan, como o momento crítico em que as duas principais potências internacionais se vão confrontar diretamente.

<https://www.publico.pt/2022/08/03/mundo/analise/contagem-decrescente-2016068>